

O projeto *Invólucros Contemporâneos* é inspirado na concepção de que um novo continente formado por um gigantesco conglomerado de dejetos plásticos se compõe gradualmente no Oceano Pacífico, entre o Haváí e o Japão. A matéria plástica não é decomposta pelos micro-organismos presentes na natureza, por isso constitui hoje cerca de 90% de todos os detritos encontrados nos oceanos. Formada pelo movimento das correntes marinhas que arrastam e transportam a matéria plástica para determinadas regiões do globo, essa concentração de dejetos acumula-se em um giro oceânico, um sistema de correntes marinhas rotativas que estão relacionadas com os grandes movimentos do vento. O Giro do Pacífico Norte abriga a maior concentração de plástico do planeta e também, por consequência, o ecossistema mais lesado pela matéria sintética. Por tais razões, a região é chamada pelos cientistas de “Vórtice Plástico”, assim como “Grande Sopa de Lixo do Pacífico”.

A investigação artística conduzida em *Invólucros Contemporâneos* visa lançar uma reflexão sobre a relação entre o homem do século XXI e os materiais sintéticos utilizados como invólucros e embalagens em seu cotidiano. De início, diversos materiais foram utilizados como experimentos. Contudo, o rumo da pesquisa foi redirecionado a partir da percepção de que a maior parte de tais invólucros são constituídos de polímeros sintéticos, manufaturados a partir

de derivados de petróleo, justamente os que são depositados nos oceanos. Desde então, a matéria plástica tornou-se o centro das nossas atenções.

A proposta consiste em criar cenários e objetos confeccionados a partir de materiais plásticos e promover uma interação de uma ou mais pessoas com essa matéria sintética. A ação desenvolvida a partir deste contato pele-plástico é documentada através de fotografias e vídeos, tentando apreender as diferentes sensações que emergem a partir desta interação. O resultado final é apresentado em papel fotográfico, em vídeo e também na forma de videoinstalações.

Trata-se de uma tentativa de recriar simbolicamente esse novo continente, de modo a reproduzir ficcionalmente o ambiente contaminado dos habitantes deste ecossistema. Tendo como inspiração a interação dos seres vivos deste continente – como por exemplo um peixe – com os dejetos plásticos no oceano, convido o espectador a elucubrar sobre a existência neste espaço de modo que este possa cultivar uma percepção empática em relação a seus residentes.

Sobre os desafios estéticos do projeto, busco explorar as diferentes formas, relevos e reflexões luminosas ofertadas por estes materiais sintéticos à objetiva da câmera. Procuro registrar a multiplicidade de texturas reveladas a partir do contato da pele humana com o plástico. O fim desse processo transporta o espectador para um mundo sobrenatural, imerso no espaço onírico e materializado no espaço-tempo da imagem.















